

O futuro sob o olhar mestiço: o queerfuturismo chicano em *Testimony of a Shifter*.¹

Maria Alice Morais Cestari²

Thayse Madella³

INTRODUÇÃO

As fronteiras que atravessam os latinos no contexto estadunidense estão para além das decisões político-geográficas que definem onde começa um país e onde termina outro. Essas fronteiras conversam com o ideário de pertencimento e construtos culturais dentro de uma sociedade que, embora profundamente formada por processos migratórios, voluntários ou forçados, tenta se manter apartada da influência do imigrante e fiel aos símbolos culturais que configuram a tal “América”.

Apesar disso, os imigrantes latinos e seus descendentes, sobretudo aqueles que vivem na região da fronteira entre Estados Unidos e México, comungam de uma série de símbolos, valores e linguagens pertencentes a ambas partes da fronteira político-geográfica, assim os concedendo uma nova identidade cultural, uma nova fronteira, distinta e complexa a qual permitiu uma série de escritores chicanos, termo utilizado para se referir ao estadunidense de origem mexicana, repensarem suas realidades e contextos vividos dentro desses espaços.

Dentre os diversos trabalhos que dialogam com as fronteiras vividas pela comunidade chicana, destaca-se o trabalho de Emma Pérez cujas narrativas exploram as interseccionalidades da vivência chicana sobretudo no que tange identidade de gênero e sexualidade. Em seu trabalho ficcional mais recente lançado em 2023, *Testimony of a Shifter*, a autora coloca a vivência queer e latina em foco através de uma narrativa utópica e futurística a qual utiliza-se dos elementos de um texto de ficção científica para conversar acerca das diversas fronteiras que perpassam identidades etno-culturais, de gênero e de sexualidade.

Ao explorar a interseccionalidade entre a latinidade e a queeridade dentro de uma realidade futurista, o romance abre espaço para uma discussão ativa dessas questões através da estruturação da sociedade retratada na obra a qual está dividida entre ascendentes, grupo agressivo e relacionado a estruturas de poder opressivas, e descendentes, comunidade

¹ O presente trabalho foi desenvolvido através do Projeto de Iniciação Científica Voluntária (PICVOL).

² Graduanda do curso de Letras Português e Inglês da Universidade Federal de Sergipe - UFS, alicec906@gmail.com.

³ Professora doutora do Curso de Letras de Inglês da Universidade Federal de Sergipe - UFS, thaysemadella@academico.ufs.br.

relacionada a minorias étnico-raciais e de identidade de gênero e de sexualidade; assim como aborda a identidade queer através do seu protagonista Benito que, ao se identificar com uma capacidade associada a permuta de gênero pertencente ao universo da obra, explora os limites e desafios dos corpos generificados e as associações e particularidades de ser chicano e queer.

Sendo assim, essa pesquisa visa explorar a temática da identidade chicana e da comunidade queer sob o contexto da obra literária “Testimony of a Shifter” de Emma Pérez a fim de analisar a forma como o conceito de fronteira, inicialmente cunhado pelos trabalhos de Gloria Anzaldúa, se desenvolveram posteriormente diante das interseccionalidades sobretudo a partir dos desenvolvimentos dos estudos decoloniais feministas como no trabalho “The Decolonial Imaginary” de Emma Pérez (1999). Além disso, também pretende observar as questões relacionadas às estruturas de poder diante desses grupos minoritários através dos estudos de Judith Butler em “Regulações de Gênero” (2014) e “Quem tem medo do gênero?” (2024) assim como abrindo espaço para pensar um futuro além das normatividades como proposto por José Esteban Muñoz em “Cruising Utopia” (2009) com o ideário de queeridade como uma potencialidade para o futuro.

O texto literário traz uma nova perspectiva sob a fronteira identitária acerca da comunidade chicana ao abordar temas que costumeiramente são invisibilizados a partir da construção de um universo utópico com particularidades que conversam com relações de poder ainda muito presentes na atualidade e que, através da reflexão, contribuem para a expansão de um imaginário distinto daquele já reforçado por estruturas de poder. A presença do texto literário que aborda uma dimensão diversa acerca da vivência chicana e queer é uma forma de estabelecer uma nova narrativa de caráter contra-hegemônico.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A análise da obra de ficção “Testimony of a Shifter” de Emma Pérez se baseia na utilização de ensaios e artigos provenientes de escritores e teóricos que trabalham com temáticas alinhadas à obra. Nesse caso, foram selecionados trabalhos que trouxessem reflexões acerca dos conceitos de fronteira e identidade chicana assim como textos que trabalhassem com as relações de poder e os entendimentos das identidades gênero e sexualidade diversas. Portanto, o trabalho utiliza-se desses aportes teóricos para contribuir na interpretação dos elementos literários a fim de instigar novas perspectivas acerca das temáticas trabalhadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A narrativa ficcional baseada na história de um povo contribui para a reflexão de um imaginário muitas vezes construído em cima de estigmas que à primeira vista parecem imutáveis. Pérez (1999) entende que esse esforço diante da ficcionalização da história do povo chicano concebe uma alternativa de repensar pautas cada vez mais frequentes no contexto contemporâneo dessa comunidade e romper com o imaginário colonial, assim deslocando o lugar do “outro” associado ao imigrante e seus descendentes a fim de centralizar relatos silenciados pela historiografia oficial para construir um imaginário diferente daquele marcado pela norma colonial. Portanto, através da narrativização, a comunidade chicana ganha espaço para discutir suas complexidades a partir de temáticas comuns da vivência desse grupo como a imigração e a diáspora assim como as interseccionalidades cada vez mais presentes envolvendo etnia, raça, classe, identidade de gênero e de sexualidade.

Neste sentido, o esforço de Emma Pérez ao lançar uma obra ficcional distópica que aborda as opressões sofridas por comunidades minoritárias no presente conversa diretamente com a ideia de repensar e romper com esses ideários coloniais para construir um novo olhar sobre questões pertinentes para essas comunidades. A partir desse novo olhar interseccional sobretudo no que tange o gênero, Butler (2024) argumenta que os séculos de colonização construíram normas de gênero em corpos negros e marrons que passaram a naturalizar e idealizar as normas cis-heteronormativas europeias assim concebendo a concepção binária de gênero como obrigatório e ideal. Portanto, falar sobre identidade cultural também solicita que estruturas normativas como aquelas que utilizam o gênero como aparato também sejam questionadas.

Em “Testimony of a Shifter”, os Estados Unidos do futuro é comandado por um governo totalitário em que a sociedade está apartada baseada nas origens étnico-raciais de seus cidadãos, mais especificamente entre dois grupos: os ascendentes, grupo supremacista e opressivo que representa a elite dessa sociedade, e descendentes, grupo relacionado a minorias racializadas muitas vezes mencionadas na obra como pessoas de origem mexicana que sobrevivem às margens da sociedade. Além da separação por identidade étnica e cultural, o texto destaca a criminalização dos Shifters, pessoas que mudam de gênero a partir de um desejo íntimo e incontrolável, e que nessa sociedade totalitária são estigmatizados e perseguidos nas chamadas “Woke Wars”, enfrentamentos entre o governo opressivo e organizações de grupos minoritários como os descendentes e os shifters que lutam por melhores condições de vida e direitos básicos.

O protagonista da obra, Benito Espinoza, é um descendente que ascendeu de classe social devido às suas contribuições acadêmicas que o fez adentrar num círculo pequeno de intelectuais. Apesar de parecer um funcionário ordinário e alheio aos embates políticos, Benito se identifica como um Shifter, parte de si que muitas vezes é suprimida e até auto regulada a fim de manter seu cargo. No entanto, ao se aproximar de uma jovem descendente, Benito passa a criar um olhar mais crítico em relação a situação do seu povo de origem como também assume a identidade de Alejandra, a qual demonstra estar mais alinhada ao senso de justiça e de comunidade do que Benito o qual ainda parece engessado aos valores e as repressões do regime.

A maneira como o gênero se organiza na obra demonstra conflitos entre as imposições governamentais e a maneira como o protagonista assume suas identidades de gênero e étnico-cultural após seu alinhamento político com os grupos descendentes. Segundo Butler (2014), o gênero é considerado um aparato o qual a produção e normalização dentro de uma sociedade binarista perpassa uma série de condições e características físicas e performáticas que constroem e cristalizam o masculino e o feminino. Assim, as imposições governamentais quanto ao gênero provém dessa postura regulatória e de domínio social a qual os ascendentes exercem na obra, muito baseada por uma postura ocidentalizada e colonialista uma vez que os ascendentes se descrevem como “as pessoas escolhidas por deus” ou “pessoas sem raça” assim como perseguem por meio de prisões, torturas e discursos públicos contrários aqueles que estão fora das normas impostas.

No entanto, ainda sob a análise de Butler, a concepção binária acerca do gênero inclui apenas uma parte do gênero, uma vez que gênero se move para além de sua naturalização e normalização binarista. Essa postura contraditória inicialmente é demonstrada na obra através da naturalização das transformações de gênero dentro de espaços elitizados e que, supostamente, deveriam cumprir as normatizações estabelecidas pelo governo. Além disso, na obra, a transformação para outro gênero é descrita como uma mudança natural e que, em vários momentos, o protagonista faz a permuta de forma inconsciente. Dentro da obra, o protagonista permuta entre Benito, sua versão masculina e associada ao regime, e Alejandra, sua versão feminina e que se alinha politicamente aos descendentes; sem um controle estabelecido além do esforço constante de Benito para se manter parte do regime.

As permutas de gênero do protagonista, embora descritas pelo personagem como naturais, ainda carregam estigmas baseado na maneira como os descendentes e ascendentes veem os corpos shifters e a maneira como o acolhem e, após o envolvimento do protagonista com a comunidade descendente, o personagem passa a se perceber como Alejandra e a

comungar mais com as injustiças e com os desafios próprios daquele povo, a se entender como pertencentes a um espaço que não delimita suas identidades e sim que acolhem suas pluralidades. Enquanto isso, Benito é reforçado como uma parte da identidade do protagonista que está associada a uma compulsoriedade de manter-se dentro da estrutura de poder dos ascendentes.

Ao perceber sua relação íntima entre gênero e comunidade descendente, a história de Alejandra retoma o conceito de mestiça presente na obra de Gloria Anzaldúa que reforça a criação da chicana como complexa. Segundo Anzaldúa (2005), o ser mestiça envolve uma personalidade múltipla que se desenvolve a partir da transferência de valores culturais e espirituais de um grupo para o outro. Essa figura da pessoa típica da região de fronteira, proveniente de uma série de influências de ambos lugares, configura uma possibilidade de perceber o mundo a partir de duas ou mais realidades e, portanto, se direcionar a um futuro liberto da colonialidade.

Na trama, quando o protagonista assume sua identidade como Alejandra, assume também a sua natureza ambígua e mestiça que a faz transitar em vários aspectos para além da dominação imposta pelo regime: seja por meio da identidade etno-cultural de ser um descendente ou da normatização de gênero e sexualidade como shifter que se relaciona com outras pessoas associadas à feminilidade. Alejandra é o símbolo da revolta e subversão dentro daquela sociedade, sobretudo ao se associar com os grupos militantes contra o regime totalitário a fim de procurar um futuro mais inclusivo para aquela população.

Ao falar do futuro, acaba por englobar o presente e a necessidade de organizar esse presente para idealizar um futuro decolonial. Muñoz (2009) propõe pensar a utopia como um impulso diário que instiga a pensar num mundo para além da normatividade. O *queer*, como assume Muñoz, não está presente ainda uma vez que *queer* precisa da dissociação dos aspectos de dominação; algo que na obra, após a integração de Alejandra nas lutas por igualdade contra o governo, é atingido para as novas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra “Testimony of a Shifter” de Emma Pérez convida a refletir acerca das relações de poder a partir do olhar de uma cultura que conversa entre os limites da opressão e oprimido a fim de pensar essa cultura como uma possibilidade de ruptura dessas estruturas de normatividade e repensar um futuro mais aberto às diferenças e as complexidades da própria identidade. Anzaldúa (2005) conceitua que o “o futuro pertencerá à mestiça” justamente por sua capacidade de vivenciar diversas combinações culturais e que o futuro necessita dessa

ruptura de mentalidade. Ao trazer um personagem coberto de dualidades e que vive e convive entre as convenções estabelecidas pelo regime, a obra explora os dilemas de estar nesse processo de desconstrução das normas e na potencialidade da subversão dessa normatividade para um mundo mais inclusivo e livre.

Palavras Chaves: literatura chicana, teoria queer, futurismo.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 704–719, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249–274, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000100249&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BUTLER, Judith. Quem tem medo de gênero?. São Paulo: **Boitempo Editora**, 2024.

MUÑOZ, J. E. Cruising Utopia: The Then and There of Queer Futurity. Nova Iorque: **New York University Press**, 2009.

PÉREZ, Emma. Testimony of a Shifter. 1st ed. Houston, TX: **Arte Publico Press**, 2023.

PÉREZ, Emma. The decolonial imaginary: writing Chicanas into history. Bloomington: **Indiana University Press**, 1999.